



Juliana Antuniassi Piga cursou Odontologia na USP de 2003 a 2008. Formada há pouco mais de um ano, já administra uma clínica no Campo Limpo e também atende em outro consultório no Paraíso. Ao analisar a carreira, é enfática: o mercado comprova que os melhores profissionais da sua área formam-se nas universidades públicas.

► Juliana Antuniassi Piga

“Tem muito profissional despreparado... a faculdade com certeza faz a diferença.”

JC – Quando você escolheu Odontologia como carreira?

Juliana – Eu sempre pensei na área da saúde. Cheguei a pensar em Medicina, mas fiz algumas visitas, até orientada pelo pessoal do Etapa. Fui à Faculdade de Medicina da USP e vi que não era bem aquilo que eu queria. No 3º ano acabei optando por Odontologia.

Em quais vestibulares você foi aprovada?

Em todos que prestei: Fuvest, Unicamp e Vunesp. Optei pela USP por ser em São Paulo.

Você chegou a pensar num plano B para o caso de não passar nos vestibulares das universidades estaduais?

Para mim não tinha segunda opção. Era a faculdade pública e ponto. Em Odontologia, as melhores faculdades são as públicas, com certeza. USP, Unicamp e Unesp. São as referências em produção científica e estrutura, têm os melhores professores.

Você entrou no colégio em que ano?

Em 2000, no 1º ano do Ensino Médio. Antes eu estudava no Centro Educacional Brandão, em Moema. Vários colegas meus vinham estudar aqui. Meio que uma tradição o pessoal de lá procurar o Etapa.

Como você se adaptou aqui?

A adaptação foi fácil pelo esquema de aula, pela didática dos professores. O método do Etapa é bem explicativo. Se

o aluno tiver interesse mesmo em aprender, ele aprende, com certeza.

Você estava confiante em passar nos vestibulares no final do 3º ano?

Bastante confiante, porque me preparei bem.

Na Odontologia da USP você fez o curso integral ou o noturno, que tem maior duração?

Entrei no diurno integral, com aulas de manhã e à tarde. No 3º ano eu mesclei e passei a ter aulas de manhã e à noite.

Por que você fez essa mudança?

No período integral você meio que fecha os estágios e as

Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Odontologia	1
especial	4
Estudante é aprovado em 4 universidades americanas	4
conto	5
Os pombos – Coelho Neto	5
artigo	8
Exercícios e envelhecimento	8

atividades extracurriculares, porque, com aulas de manhã e à tarde, sobram só a hora do almoço e a noite. As oportunidades de estágio são menores. Acabei mesclando e foi uma das melhores coisas que fiz. Assim eu abri espaço durante o dia para estágio e também atividades esportivas. Sempre gostei muito de esportes e fiz parte da Atlético. Jogava basquete e tênis.

Como se desenvolve o curso de Odontologia na USP?

O curso, nos primeiros anos, é bem teórico. São dois anos e meio só de parte básica. É uma aula por período. Uma matéria de manhã, outra à tarde. Você fica quatro horas com o mesmo professor.

Quais são as matérias básicas?

Tem Histologia, Microbiologia, Imunologia, Fisiologia, toda a parte básica de células. Depois, uma parte mais específica de Histologia da Boca, Fisiologia Oral, Microbiologia Oral, mas isso sem parte prática.

A parte prática, atendendo pacientes, começa no 3º ano?

No 3º ano você ainda mescla disciplinas teóricas e disciplinas práticas. Na verdade, até o último ano tem essa mescla, mas no 3º ano a divisão é mais igual. A partir do 4º ano tem mais clínica do que parte teórica. A parte clínica faz parte da disciplina. Por exemplo, em Endodontia a aula era a parte teórica e depois, em outro período, a gente ia atender o paciente e tratar canal. Como parte da matéria mesmo. Em Dentística Reparadora, íamos fazer restauração.

Quais foram as suas principais dificuldades no curso?

O foco inicial é a maior dificuldade. Na verdade, você entra na faculdade sem saber exatamente o que quer. São muitas as possibilidades. Só que não tem ninguém para falar: “Este caminho é o melhor.” Vai da cabeça de cada um, das pessoas com quem você se identifica.

Quando você começou a fazer estágio?

A partir do primeiro semestre do 3º ano.

Onde são feitos os estágios?

Tem na clínica da faculdade e também em locais fora, cadastrados. Também se pode fazer estágio em projetos sociais desenvolvidos pelo centro acadêmico ou pela empresa júnior com várias comunidades. Você ganha horas de estágio participando desses projetos.

Quais estágios você fez?

Fiz estágio perto da faculdade, dentro da USP, numa fundação na qual os professores da USP dão as especializações [Fundectó]. Fazia estágio lá e participava dos projetos sociais.

Você chegou a fazer algum trabalho científico?

Durante três anos, a partir do 4º ou 5º semestre, fiz Iniciação Científica na parte de Microbiologia Oral, a parte das bactérias e vírus na boca. Apresentei um trabalho em um congresso internacional de Odontologia

no Canadá. Tinha gente do mundo todo. Na parte de Microbiologia eu representei a faculdade de Odontologia da USP. Você tem de se preparar super bem, falar inglês. Uma experiência incrível.

Teve alguma mudança no curso de Odontologia, desde que você entrou na USP?

A Odontologia na USP sofreu uma reforma muito grande, foi feito um importante investimento na parte de infraestrutura. Nos laboratórios, clínicas, equipamentos. Quando entrei lá, em 2003, falava-se que a faculdade ia ter uma clínica nova, o que aconteceu dois anos antes de eu me formar. É uma clínica maravilhosa, com equipamentos de última geração. Antes, os atendimentos eram no Hospital Universitário e tinha uma clínica menor na faculdade. Hoje é tudo na faculdade.

Como você avalia o curso que fez?

Quando escolhi a USP, estava escolhendo o lugar dito o melhor. Lá, convivendo, a gente vê que realmente é isso. A gente está na melhor faculdade e os profissionais que saem de lá são super-reconhecidos.

No último ano do curso, qual era sua preocupação maior?

Uma das preocupações, lógico, era o mercado de trabalho. Ao entrar na USP, eu tinha a expectativa de mais tarde trabalhar com minha mãe, que era dentista, mas ela faleceu quando eu estava na faculdade. Mas, assim que me formei, surgiu uma oportunidade de trabalhar na periferia. Desde fevereiro do ano passado estou em uma clínica no Campo Limpo. Hoje sou gerente da clínica, administro e faço a seleção de quem vai trabalhar lá.

Quais são os critérios para decidir quem entra?

Estando agora no mercado de trabalho, vejo que é clara a diferença entre as faculdades. Na USP é muito dito: “Vocês são os melhores, aqui é a melhor faculdade.” A gente sai de lá perguntando: “Será que é mesmo?” Em pouco tempo, em um ano de trabalho, eu vejo que realmente é o que acontece. Tem muito dentista despreparado no mercado e a faculdade com certeza faz a diferença. Desde que entrei na clínica, passaram por lá cinco dentistas. Um deles, da USP, tinha um trabalho muito bom e não continuou porque foi fazer mestrado fora de São Paulo. Os outros quatro, formados em escolas particulares, não corresponderam às expectativas, não eram tão bem preparados em várias questões e não ficaram mais de quatro meses. Por essa experiência, agora eu estou primeiramente tentando selecionar colegas das faculdades públicas. Pela questão de maturidade, de técnica, de melhor preparo mesmo.

Como é a remuneração do dentista recém-formado?

Eu estou bastante satisfeita com meu salário e vejo possibilidades de ampliação. Isso me surpreendeu, porque todo mundo fala que o mercado está saturado e você vai ganhar pouco. Na verdade, a carreira está com o



problema dos planos de saúde odontológicos, que pagam muito pouco. O dentista sai da faculdade e vai trabalhar numa clínica onde vai ganhar uma porcentagem do que o plano paga. Conheço muita gente que ainda está patinando e talvez a renda não seja como eles esperavam. Acho que é questão de você saber se colocar no mercado.

O que diferencia uma pessoa na hora de concorrer a um emprego?

Eu vejo dentistas que se preocupam mais em ganhar dinheiro e menos com a pessoa que estão atendendo. Na área da saúde o principal é o paciente, independente do dinheiro, que é consequência do seu trabalho. Você tem de ver o lado humano da profissão. Hoje em dia, num processo de seleção, observo muito a relação que a pessoa tem com o paciente. A visão que ela tem do paciente, o lado da ética. Você se formou para tratar de pessoas. O dinheiro não pode ser o fator principal, senão você acaba deixando de lado questões fundamentais.

Por que você foi trabalhar no Campo Limpo e não procurou um consultório numa área mais central de São Paulo?

Eu pretendia trabalhar no consultório que era da minha mãe e do qual sou sócia. É um consultório de alto padrão. Com a pouca experiência de quem acabou de se formar, achei que tinha de buscar o mercado que me aceitasse. Eu vi essa oportunidade na clínica em que estou até hoje e onde fui superaceita, tanto que subi de cargo. Foi uma ótima oportunidade. Hoje estou mesclando os dois consultórios, mas a grande maioria de meus atendimentos continua sendo no Campo Limpo. Venho só uma vez por semana à clínica aqui no Paraíso, mas administro também.

Você se especializou em alguma área da Odontologia?

Uma coisa que meus professores diziam era para não ter pressa em me especializar, para primeiro fazer clínica geral. Essa orientação dos professores facilitou bastante para mim. Hoje vejo que é esse o caminho mesmo. A gente tem de fazer as coisas acontecerem no tempo certo.

Mas você pensa em fazer uma pós-graduação, uma especialização?

Com certeza, a gente não pode ficar parada. Daqui a seis meses, um ano no máximo, pretendo entrar num curso para aprender a fazer implante e, mais para frente, ser especialista.

Você pretende fazer a especialização junto com o trabalho na clínica?

Não quero abrir mão da clínica. Quero conciliar a especialização e o trabalho.

Como você se vê daqui a 10 anos?

Eu pretendo fazer uma especialização, investir um pouco mais na clínica classe A ou até abrir uma clínica própria na periferia. Hoje atendo quinze pacientes por dia, mas

me vejo, no futuro, atendendo um pouco menos, numa coisa mais específica, com mais tempo para mim e com maiores ganhos financeiros. Conforme vai se atualizando, você tem outras possibilidades. Eu me vejo dona de clínica com alguma especialização, uma ou mais. Administrando dentistas e atendendo também.

Como o colégio foi importante para você na faculdade e no seu dia a dia?

O Etapa é um colégio forte. Eu tinha provas todos os dias e estudava um pouco a cada dia. As aulas eram muito boas e os professores muito bons. O aprendizado acabava se tornando uma boa rotina, porque não tinha de me esforçar exageradamente. Ter foco na universidade pública – é lógico que na minha área, porque em outras áreas existem escolas privadas muito boas – foi fundamental para mim. Sem esse foco nas melhores universidades, talvez eu não tivesse me esforçado o suficiente e perderia oportunidades. Acho que o grande ponto do Colégio Etapa foi a qualidade do ensino e o direcionamento do aluno para o melhor.

Quais são suas lembranças daqui?

Hoje eu entrei aqui, quase oito anos depois, e é muito gratificante saber que você só está onde está porque estudou aqui. Hoje eu sei que estudei na USP porque estudei antes no Colégio Etapa, que me deu um direcionamento e os recursos para estar onde estou. Tive a orientação necessária para conseguir o que eu queria.

Você ainda tem amigos da época do colégio?

Muitos amigos. Muitos. E é muito legal.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Eu diria para aproveitarem bastante os recursos do colégio, que são muitos mesmo. Vocês podem não ter ideia disso, mas depois que entrarem na faculdade vão perceber o quanto serão recompensados por terem estudado no Etapa.



Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343
